



COLÔMBIA

Suspense na eleição

Ex-guerrilheiro Gustavo Petro tem a chance de fazer história e de se tornar o primeiro presidente de esquerda do país. Rodolfo Hernández, milionário polêmico e estranho na política, também busca a façanha. Pesquisas apontam empate técnico

» RODRIGO CRAVEIRO

Assim que as urnas forem fechadas, às 16h de hoje (18h em Brasília), os olhares dos 49 milhões de colombianos, mas também de toda a América Latina, estarão voltados para o anúncio sobre quem ocupará o Palácio de Nariño pelos próximos quatro anos. De um lado, o senador Gustavo Petro, 62 anos, ex-prefeito de Bogotá e integrante da guerrilha M-19 na década de 1980, tenta levar a esquerda pela primeira vez ao governo. Do outro lado, Rodolfo Hernández — um engenheiro de 77 anos, cuja fortuna chega a US\$ 100 milhões, e um outsider na política que apostou no TikTok — também busca a façanha de alcançar o topo do poder.

Tanto Petro quanto Hernández propõem uma guinada radical, uma ruptura com a política tradicional colombiana. Os dois chegam ao segundo turno empatados nas intenções de voto, após uma campanha marcada pela forte polarização e pelos temores de magnicídio.

No primeiro turno, em 29 de maio, Petro venceu com 40% contra 28% dos votos. Hernández foi a grande surpresa, ao desbancar o direitista Federico “Fico” Gutiérrez, após uma ascensão meteórica nas pesquisas. O segundo país mais desigual do continente decide o seu futuro, hoje, entre programas de governo diametralmente opostos.

Com formação em economia, Petro se define como um “rebelde moderado” e atrai desconfiança entre os setores conservadores, os pecuaristas e uma ala do empresariado e do militarismo. Além de descartar a estatização da propriedade privada, ele propõe interromper a exploração de petróleo, transitar a economia para uma energia mais limpa, ampliar a produção de alimentos e reformar as regras de promoção dentro das forças militares.

Por sua vez, Hernández ganhou a pecha de excêntrico. Causou polêmica ao se confessar “seguidor de um grande pensador alemão, que se chama Adolf Hitler”. Depois, disse ter se enganado e que se referia ao físico Albert Einstein. Para se tornar

presidente, aposta em um programa de combate à corrupção e se coloca como antissistema, defensor do capitalismo e da austeridade. Entre suas propostas, estão o fechamento de embaixadas, a deportação de milhões de migrantes venezuelanos e possibilitar que todos os colombianos conheçam o mar. Também defendeu distribuir drogas aos viciados como forma de eliminar o narcotráfico e prometeu expor ao ridículo os parlamentares que não apoiarem suas medidas.

Polarização

Em entrevista ao **Correio**, Ernesto Samper — presidente da Colômbia entre 1994 e 1998 e secretário-geral da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), de 2014 a 2017 — admitiu que a polarização tomou conta da campanha. “Nas eleições de hoje não estarão em jogo razões, mas emoções. As pessoas votam contra o inimigo, e não a favor do amigo. A votação é histórica porque, depois de muitos anos de conflito armado e graças aos Acordos de Paz de Havana, metade da sociedade, que se encontrava mergulhada na estigmatização de sua participação política, confundindo-a com luta armada, sairá para votar. Creio que o fará em massa, a fim de escolher o primeiro governo de esquerda da Colômbia”, declarou.

Samper advertiu que, caso o establishment político tradicional trate de impedir, por meio de fraude, do magnicídio ou de manobras sujas, a “legítima expressão de mudança”, o povo buscará nas ruas o que pensa estarem lhe negando na democracia. O ex-presidente não poupou críticas a Hernández, que chegou a se exilar em Miami, ante supostas ameaças de assassinato. “Sua campanha apostou numa polarização demagógica e em ofertas incumpridas ou simplesmente inócuas a respeito dos grandes problemas da Colômbia”, disse.

Cientista político da Faculdade de Finanças, Governo e Relações Internacionais da Universidade Externado de Colombia (em Bogotá), Alejandro Bohorquez-Keeney explicou que as pesquisas mais recentes estão muito apertadas, o que impede uma projeção mais clara quanto

Daniel Muñoz/AFP



Petro faz selfie com simpatizantes, em encontro com apoiadores, na sexta-feira: esperança de mudança

Eva Marie Uzcatagui/AFP



Hernández com membros da comunidade colombiana, em Miami

ao vencedor. “Tanto Hernández quanto Petro apresentam posturas de outsiders, são distintos da classe política tradicional. E os eleitores colombianos claramente vão punir o voto tradicional. Eu me inclino a afirmar que Rodolfo Hernández será o ganhador, pois ele atacou o passado e a soberba de Petro. Na verdade, a Colômbia segue como uma

sociedade tradicionalista e conservadora. O medo da esquerda prejudica Petro”, afirmou à reportagem, por telefone.

Alejandro não vê o projeto de Hernández como de extrema-direita. “Eu diria que é uma direita radical, no estilo do ex-presidente Álvaro Uribe ou de Jair Bolsonaro. Ele não faz parte de um movimento nacionalista-populista,

como vemos na Europa de Marine Le Pen (França) ou de Gert Wilders (Holanda)”, observou. O especialista classifica a ideologia de Hernández como um “populismo exacerbado”.

Colega de Alejandro na faculdade, Magda Catalina Jiménez Jiménez disse ao **Correio** que as sondagens mostram uma oscilação muito pequena entre os candidatos. “No primeiro turno, as pesquisas não conseguiram prever a vitória de Hernández. Portanto, é complicado usá-las como indicadores de decisão. O mais importante é que se respeite o resultado das urnas.” De acordo com ela, uma diferença relativamente maior entre o eleito e o segundo colocado seria fator positivo, em termos de contribuir com a legitimidade do próximo presidente.

Magda pontua que tanto Petro quanto Hernández são figuras populistas. “O candidato de direita mostra um país tradicional, agrícola, territorial e mais conservador. Os valores de Petro, por sua vez, são mais urbanos e progressistas no que diz respeito a direitos. As tendências envolvem

Duas perguntas para...

Micaela Ayala V./Andes/Wikipedia



Ernesto Samper Pizano, presidente da Colômbia (1994-1998) e secretário-geral da Unasul (2014-2017)

Com base nas pesquisas eleitorais, quem o senhor acredita que será o novo presidente colombiano?

Se as pesquisas não mentirem, e o governo do presidente Iván Duque não intervir, alterando as garantias eleitorais, tenho certeza de que o vencedor será Gustavo Petro.

De que modo o senhor vê a figura de Rodolfo Fernández, um candidato que chegou a elogiar Adolf Hitler?

O engenheiro Rodolfo Hernández é um acidente nessas eleições. Mesmo que tenha indicado sua oposição à classe política, o certo é que hoje votarão por ele todos os que não querem que Petro seja presidente. O confronto de hoje será entre o petrismo, que representa uma mudança real para a Colômbia, e o antipetrismo, que encarna o status quo de 20 anos de uribismo na Colômbia. (RC)

uma esquerda e uma direita mais amplas. Para mim, o populismo apresentado por Hernández é muito similar ao de Abdalá Bucaram, que governou o Equador entre 1996 e 1997. Trata-se de uma figura antissistema e empresarial, que não tem experiência em governo”, acrescentou.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

Com Henrique Delgado

O desafio mundial da educação

Todos os meses caem divididos em minha conta que cobrem todas as despesas. O que importa é o lucro, não a vida dos outros. É o sucesso com dinheiro que explica o progresso, não a instrução coletiva. Para decodificar o conceito de bom negócio, é preciso coragem de espírito. Instrução sem cultura e instituições inaptas não conseguirão ressignificar a educação para atuar no mundo moderno.

Travando uma batalha apática e desorientada contra a astúcia das telecomunicações, a educação perdeu a guerra de propaganda pelo seu valor. Dever do Estado, futuro e ameaça não fazem ninguém estudar. De

primeira-dama da sociedade industrial escolarizada a educação está virando a rejeitada da sociedade tecnológica pasteurizada. É muito difícil viver a vida estudando o tempo todo. Mas é pior não estudar, ou estudar contra si mesmo, usando mal as oportunidades da sociedade pós-industrial.

O mundo ligado da era digital produz solidão e melancolia, luto sem perda, alegria sem felicidade, abundância sem saciedade. Não é educação estimular o extravagante, o alpinista. Se a riqueza mundial está crescendo, é sem sentido lutar por trabalho alienado, acusar alguém de desqualificado por não se fazer

obediente à opressão das startups. Quem amedronta o jovem com a falta de emprego não quer conquistá-lo para a ideia de que estudar é a melhor forma de não precisar se matar de trabalhar.

Se o crescimento moderno diminui o emprego, é a educação que vai impedir a inatividade e o desespero. Desde que a escola ensine a usar, criativamente, o tempo livre, lutar pela harmonia do mundo e não se transformar em escola de guerra econômica prisioneira da automação. É a quantidade de inteligência que cria a quantidade de trabalho. É o espírito que traz paz e prosperidade.

A genialidade, hoje, não depende de inteligência, da serenidade, da formação sistemática ou da eternidade dos clássicos. É a modernidade robô, de fachada, o automatismo idiotizante, a embasada religião celular com seu totem manual, uma caixa receptora/transmissora de ondas de

comunicação por células não biológicas, que padronizou a personalidade, transformando a vontade em confinamento, o desejo em ansia ostentatória.

A soberania opressiva da cultura do mundo eletrônico não aceita o fato de que na mente de um jovem em formação acontece coisa mais importante do que na realidade. Pegando a educação desprevenida, o chip entrou na vida das pessoas como cavalaria, infantaria e artilharia, usando a tríade narcisismo-ambição-comodidade, (arma de todas as armas) para comando e controle da mente humana. Sua dinâmica de ação é sempre o conflito ser/não ser, para atrair o obstinado por novidade, explorar a vulnerabilidade do usuário, maximizar a influência da marca.

A educação não se deu conta de que o celular, este sacerdote-pastor-guru, o mais assanhado e irresponsável filho do casal computador-internet, é que

imprime suas particularidades na fisionomia estampada na alma das crianças e jovens coibais. E, ainda sem perceber, o artilheiro da escalada autônoma da tecnologia para escravizar gerações, a pedagogia, tomou de amores pela psicologia, para diagnosticar como desajustados os sensíveis, tímidos, incomodados, espiritualizados, reflexivos, que andam mais devagar e não querem ser navegadores digitais.

A influência tirânica e preguiçosa da tecnologia tem sido um desastre na educação da atual geração. Matou o interesse pela história da cultura e o desprezo pelo processo gradativo do progresso humano. A educação está à mercê de duelos dissimulados de conduta, disfarces de paixão, considerando normal rejeitar o que quer o coração e agir contra os sentimentos. Aderir à onda é a forma que estudantes perdidos se ajustam para serem aceitos entre colegas.

A escola não deve ser sucursal da bolsa de valores, fazendo a estimativa do ativo que é cada estudante para o mercado “mundo”. Emoções e características da personalidade são psicologizadas, visando a modelação de sentimentos. E, assim, passou a ser natural conviver com a imaginação imperfeita dos plágios, a originalidade movida por vaidade e exibicionismo, a vivacidade mecânica, a perda do ouvido do estudante que não lê mais em voz alta e só é seguro quando imita o que viu em alguma tela.

A humanidade sofre quando a educação não é a parte principal da fase inicial da vida das pessoas. E perde o rumo, querendo fazer da educação o que não é, remédio que resolve tudo. A educação como mito é um desastre: o de mais quantidade nos países ricos e o de má qualidade nos emergentes e pobres. (Continua)

PAULO DELGADO, sociólogo